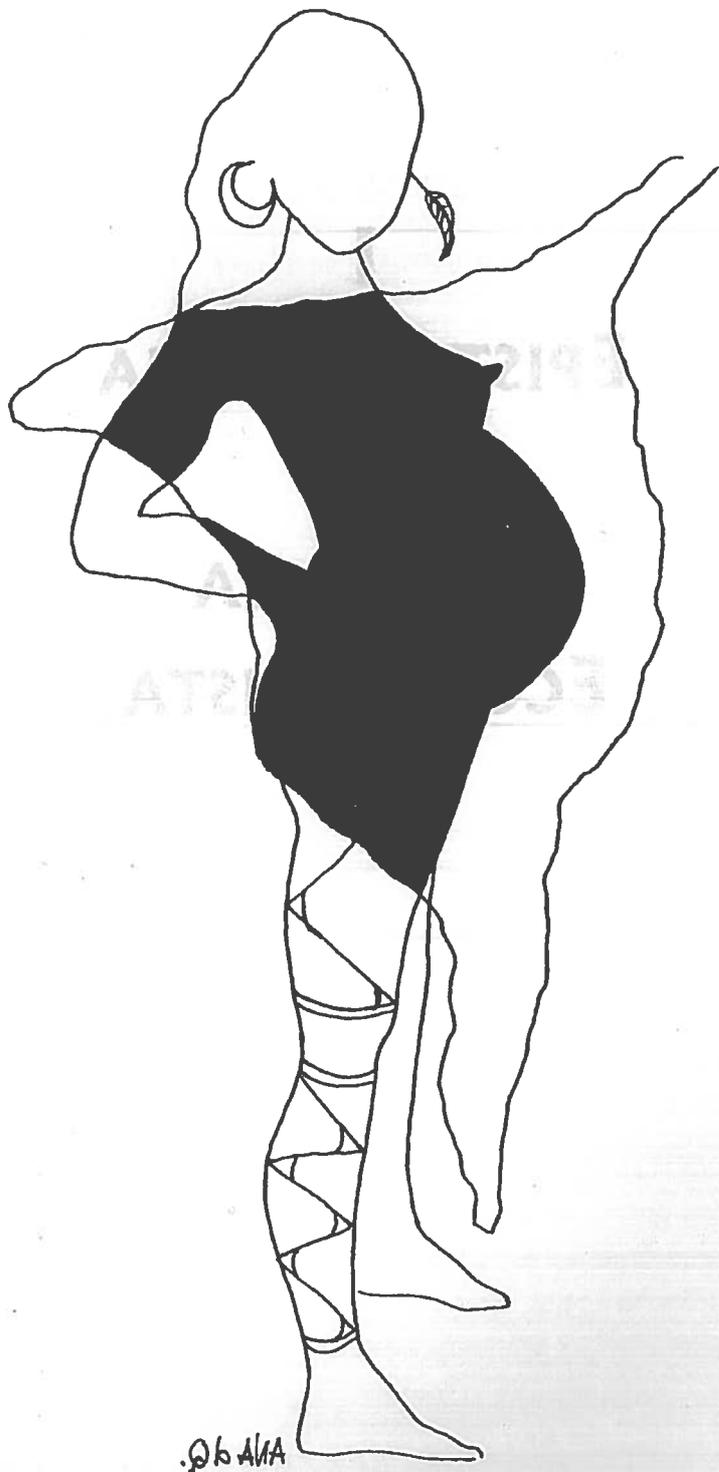


I  
**EPISTEMOLOGIA**  
E  
**TEOLOGIA**  
**ECOFEMINISTA**



## Ecofeminismo: Mulheres do Primeiro e Terceiro Mundos

*Rosemary Radford Ruether*

O que é ecofeminismo? O ecofeminismo representa a união de duas preocupações: a ecologia e o feminismo. A palavra ecologia emerge da ciência biológica dos sistemas ambientais naturais. A ecologia examina como estas comunidades naturais funcionam de modo a sustentar uma rede de vida saudável e como elas são desorganizadas, causando a morte da vida animal e vegetal. A intervenção humana é a principal causa de tal desorganização, do modo como ocorre hoje. Assim, nos anos 60, a ecologia se popularizou como um estudo socioeconômico e biológico combinado, para examinar como a utilização humana da natureza está causando a poluição do solo, da água e do ar, e a destruição dos sistemas naturais de vida animal e vegetal, ameaçando a base da vida da qual a comunidade humana depende.

Ecologistas profundos têm insistido que não basta analisar esta devastação da terra em termos do uso tecnológico e social humano. Temos de examinar os padrões simbólicos, psicológicos e culturais pelos quais os seres humanos se distanciaram da natureza, negaram sua realidade como parte dela e reivindicaram o seu domínio atuando de fora. A cura ecológica exige uma conversão psicocultural e espiritual desta postura antropocêntrica de separação e dominação. Temos de recuperar a experiência de comunhão na natureza e reconstruir uma nova cultura baseada na afirmação de que somos uma comunidade interligada de vida.<sup>1</sup>

1. Ver DEVALL, Bill e SESSIONS, George, *Deep Ecology: Living as if Nature Mattered*. Salt Lake City: Peregrine Smith Books, 1985.

O feminismo também é um movimento complexo com muitas camadas. Pode ser definido como um movimento dentro de sociedades democráticas para a plena inclusão das mulheres nos direitos políticos e seu acesso a condições iguais de trabalho. Pode ser definido mais radicalmente, de acordo com o feminismo socialista e libertacionista, como uma transformação dos sistemas socioeconômicos patriarcais nos quais a dominação masculina das mulheres é a base de todas as hierarquias sociais. O feminismo também pode ser estudado em termos de cultura e consciência, demonstrando a conexão simbólica, psicológica e cultural entre a definição das mulheres como mental, moral e fisicamente inferiores, e a monopolização masculina do conhecimento e poder.

Este terceiro tipo de análise feminista tem afinidades com a ecologia profunda, embora muitas ecofeministas tenham culpado os ecologistas profundos pela falta de análise de gênero e pela não percepção das relações entre o antropocentrismo e o androcentrismo.<sup>2</sup> O ecofeminismo fundamenta-se na intuição básica de que há uma ligação fundamental na cultura ocidental, e nas culturas patriarcais de modo geral, entre a dominação das mulheres e a dominação da natureza. O que significa isto?

Entre as ecofeministas ocidentais, esta ligação entre a dominação das mulheres e a dominação da natureza geralmente acontece, primeiro, em nível simbólico-cultural. Demonstra-se o modo como a cultura patriarcal definiu as mulheres como sendo "mais próximas à natureza", ou como estando do lado dela na cisão entre a cultura e a natureza. Isso é demonstrado no modo pelo qual as mulheres têm sido identificadas com o corpo, a terra, o sexo, a carne na sua mortalidade, fraqueza e propensão ao pecado", vis a vis

2. Ver KHEEL, Marti, "Ecofeminism and Deep Ecology: Reflections on Identity and Difference". In Irene Diamond e Gloria F. Orenstein, eds. *Reweaving the World: The Emergence of Ecofeminism*. San Francisco, CA: Sierra Club Books, 1990, pp. 128-137.

uma construção da masculinidade identificada com o espírito, a mente e o poder soberano tanto sobre as mulheres como sobre a natureza.

Um segundo nível de análise ecofeminista passa por baixo do nível simbólico-cultural, e explora os fundamentos socioeconômicos de como a dominação dos corpos e do trabalho das mulheres se interrelaciona com a exploração da terra, da água e dos animais.<sup>3</sup> Como as mulheres, enquanto grupo de gênero, foram colonizadas pelo patriarcado como um sistema legal, econômico, social e político. Como esta colonização dos corpos e do trabalho das mulheres funciona como subestrutura invisível para a extração de recursos naturais. Como o posicionamento das mulheres como cuidadoras das crianças, jardineiras, tecelãs, cozinheiras, faxineiras e administradoras dos gastos para os homens dentro das famílias inferioriza este trabalho e identifica as mulheres com um mundo não-humano igualmente inferiorizado.

Portanto, esta forma socioeconômica de análise ecofeminista vê os padrões simbólico-culturais pelos quais tanto as mulheres como a natureza são inferiorizadas e identificadas uma com a outra como uma superestrutura ideológica pela qual os sistemas de dominação econômica e legal das mulheres, da terra e dos animais são justificados e feitos de modo a parecerem “naturais” e inevitáveis dentro de uma cosmovisão patriarcal total.

Não basta, simplesmente, falar da dominação das mulheres como se elas fossem um grupo homogêneo. Temos de olhar para toda a estrutura de classes da sociedade – ligada, em muitas sociedades, com a hierarquia racial – e ver como a hierarquia de gênero se encaixa na hierarquia racial e de classe. Isto significa que as mulheres pertencentes à classe dominante têm privilégios e confortos muitíssimo diferentes das mulheres das classes mais baixas, embora ambas possam

ser definidas, de modo geral, como mães, criadoras dos filhos e objetos sexuais. Significa, também, que há diferentes ideologias em relação às mulheres de classe alta e baixa, exacerbadas quando as ideologias raciais estão presentes.

Como a religião entra nesta mistura de ecofeminismo simbólico-cultural e análise socioeconômica? A religião, especificamente a tradição cristã, com suas raízes nos mundos hebraico e greco-romano, tem sido culpada de ser a principal fonte dos padrões simbólico-culturais que inferiorizaram as mulheres e a natureza. O Deus patriarcal da Bíblia hebraica, definido como exterior e contrário ao mundo material, como seu Criador e Senhor, quando fundido com o dualismo filosófico grego do espírito e da matéria é visto como o principal mito de identidade do homem ocidental de classe dominante. Ele fez este Deus à imagem da sua própria aspiração de, ao mesmo tempo, estar desvinculado e dominar o mundo material, como a terra, os animais, os recursos não-humanos, e os grupos humanos subjugados.

A denúncia do Cristianismo, juntamente com a ideologia científica, como sendo as principais fontes e os executores da dominação das mulheres e da natureza, está frequentemente ligada ao que poderíamos chamar de “história ecofeminista sobre a queda do paraíso”. Nesta história, os seres humanos nos estágios de caçador-coletor e caçador-jardineiro viviam em sociedades igualitárias e sem divisão de classes, numa relação benigna de cuidado para com o resto da natureza. O sistema social de guerra, violência e dominação masculina entrou com uma série de invasões por pastoralistas patriarcais dos desfiladeiros do norte, em algum momento entre o 6º. e o 3º. milênios aC, remodelando as sociedades igualitárias primitivas em sociedades militarizadas de dominação. Esta visão se popularizou no livro de Riane Eisler, *The Chalice and the Blade* (O cálice e a espada).<sup>4</sup>

3. Ver KING, Ynestra, *Healing the Wounds: Feminism, Ecology and the Nature/Culture Dualism*. In Diamond e Orenstein. 1990, pp. 106-121.

4. EISLER, Riane, *The Chalice and the Blade*. São Francisco, CA: Harper and Row, 1987.

Esta mudança para o patriarcado refletiu-se numa revolução religiosa na qual o culto a uma deusa, representando a força de vida imanente dentro da natureza, foi reprimido em favor de um deus sol patriarcal, dominando *de fora e sobre* a natureza como um Senhor guerreiro. As ecofeministas que se baseiam nesta história sobre a “queda do paraíso” acreditam que a recuperação da relação de parceria entre homens e mulheres e da relação de sustentação da vida com a natureza exige a rejeição de todas as formas de religião patriarcal e a volta ou a reinvenção, de algum modo, do culto à antiga deusa da natureza. Este ponto de vista é expresso por grupos de mulheres e alguns homens, não simplesmente como uma teoria, mas como uma prática, com a criação de grupos de culto que desenvolveram práticas rituais que vêem como um reviver do antigo culto à deusa. Talvez o teólogo e liturgista mais conhecido deste movimento neopagão ou wiccano seja Starhawk, autora de livros como *The Spiral Dance: A Rebirth of the Ancient Religion of the Great Goddess* (A dança espiral: um renascimento da antiga religião da grande Deusa).<sup>5</sup>

Minha própria visão é a de que esta “história sobre a queda do paraíso” é um mito, um poderoso mito contemporâneo. Por mito eu não quero dizer que seja simplesmente irreal, mas que é uma história muito simplificada e seletiva, que contém elementos de verdade sobre a efetiva modelagem da história ocidental nos últimos 6 mil a 8 mil anos. Em *Gaia and God* (Gaia e Deus) apresentei um processo mais complexo desde a invenção da agricultura e a domesticação dos animais à formação de culturas e impérios urbanos primitivos no antigo Oriente Médio no terceiro milênio, com seus padrões de patriarcado, escravidão e aristocracias religiosas e reais que controlavam a terra e o trabalho de campone-

ses e escravos, e subjugavam as mulheres. A partir do contexto desta trajetória histórica, pode-se reimaginar uma alternativa perdida por trás dela e encoberta por este processo de formação do sistema de dominação.

Esta história, do modo como contada por seus criadores de mitos contemporâneos, também tende a não dar atenção a certos estereótipos sobre a masculinidade e a feminilidade e a conexão das mulheres e da natureza com a criação; tais estereótipos e tal conexão tem mais a ver com certas linhas de culturas vitorianas euroamericanas do que, provavelmente, com as visões da antiga Anatólia ou Creta. É por isso que a história “soa verdadeira” a muitas mulheres e alguns homens europeus e americanos contemporâneos. Como todos os bons mitos, esta história deveria ser levada a sério, mas não literalmente. Deveríamos perguntar *o que* ela diz sobre nós mesmos e nossas histórias, mas também *como* ela pode nos iludir sobre nós mesmos e nossas histórias. Particularmente, deveríamos perguntar *o que* deve ser feito para curar a nós e nossas relações uns para com os outros e a terra.

Aqui eu percebo uma nítida distinção entre duas linhas de pensamento existentes entre as ecofeministas, embora elas compartilhem de muitos valores comuns. Uma linha de pensamento vê a ligação mulher-natureza como uma ideologia social construída pela cultura patriarcal para justificar o domínio e o uso tanto das mulheres como do mundo natural como propriedade. Na realidade, as mulheres não são mais natureza não-humana tanto quanto os homens, ou, em outras palavras, os homens são outras criaturas tanto quanto as mulheres.

Esta crítica da ligação entre a mulher e a natureza como uma construção cultural patriarcal pode ser usada para separar do resto da natureza tanto os homens quanto as mulheres, que são muito semelhantes. Ou pode ser usada para insistir que os homens, tanto quanto as mulheres, têm de superar o mito da separação e aprender a comungar com a natureza como nossa comunidade

5. STARHAWK, *The Spiral Dance: The Rebirth of the Ancient Religion of the Great Goddess*. New York: Harper and Row, 1979.

biótica comum, ao mesmo tempo respeitando árvores, lagos, lobos, pássaros e insetos como seres com seu próprio modo de vida e *raison d'être*, à parte do uso que fazemos deles.

As ecofeministas vêem esta separação entre as mulheres e os homens pelos padrões de dualismo cultural mente-corpo, dominante-subordinado, pensamento-sentimento e pela identificação da parte mais baixa destes dualismos tanto com a mulher como com a natureza, como uma vitimologia. Os dualismos falsificam quem as mulheres e os homens (e também a natureza) realmente são na sua plenitude e complexidade, e justificam o tratamento tanto da mulher como da natureza como propriedade dos homens, para serem usadas como eles bem desejarem. O ecofeminismo tem a ver com a desconstrução destes dualismos, tanto no que diz respeito às mulheres como à natureza.

Uma segunda linha do ecofeminismo concorda que esta conexão patriarcal mulher-natureza justifica sua dominação e abuso, mas também acredita na existência de uma verdade distorcida por ela. Existe uma conexão profunda e positiva entre a mulher e a natureza. As mulheres são doadoras da vida, aquelas que alimentam e em quem crescem as sementes da vida. As mulheres são as principais recolhedoras de alimento, as inventoras da agricultura. Seus corpos estão em misteriosa sintonia com os ciclos da lua e as marés do mar. Foi por verem as mulheres como doadoras da vida, tanto provendo alimento como dando à luz as crianças, que os seres humanos primitivos fizeram da mulher a primeira imagem de culto, a deusa, fonte de toda vida. As mulheres precisam reclamar esta afinidade entre a sacralidade da natureza e a sacralidade da sua própria sexualidade e poder de vida. A volta ao culto da deusa como fêmea sagrada é nossa reconexão com nossos profundos poderes interiores.<sup>6</sup>

Eu acho que esta exaltação da mulher e da natureza como Grande Deusa é atraente, mas também potencialmente ilusória. Existem dois importantes meios de reclamar reverência à antiga Deusa que eu considero problemáticos no pensamento atual. Primeiro, existem algumas mulheres para quem o culto à Deusa significa a reclamação de seus próprios poderes perdidos, injustamente roubados pelo patriarcado e pela religião patriarcal. Algumas destas mulheres excluem os homens de seus círculos e outras os aceitam, mas como "filhos da Grande Deusa", o menino masculino em relação à Grande Mãe. Isto me sugere que os homens, nesses círculos, não apenas não podem ser dominadores, mas também não podem ser pares adultos das mulheres. Considero isso um problema para as relações adultas entre homens e mulheres. Eu certamente não estou interessada em promover uma cultura de "meninos" adultos que nunca crescem e permanecem eternamente dependentes de mulheres maternais.

Uma segunda abordagem, mais popular com os homens, os vê se apropriando da Deusa como Feminino divino, o lado feminino reprimido de suas almas que eles devem reclamar para atingirem uma plenitude andrógina. Mas existe uma tendência nestes círculos a exigir que as mulheres se especializem no feminino como estimuladoras do desenvolvimento de uma androginia centrada no homem. As mulheres que se tornam demasiadamente independentes são acusadas de serem "movidas pelo animus". O resultado, me parece, é que os homens ficam no controle, porém sedutoramente, como "almas belas".

Uma terceira postura hostil e negativa para com tais visões da Deusa, no entanto, vem da direita cristã hoje. Ela se expressa como uma reação raivosa, como declarações de ira veemente contra o que é visto como "chauvinismo ginecêntrico", produzindo "homens efeminados" dominados pelas mulheres. A afirmação da Nova Direita de individualismo agressivo e masculinista contra todas as formas de "suavidade" é

6. Ver SPRETNAK, *Ecofeminism: Our Roots and our Flowering*. In Diamond e Orenstein. 1990, pp. 1-14.

vista como a resposta apropriada a tal desvio dos “verdadeiros valores americanos” (masculinos).<sup>7</sup>

Todas as três abordagens sobre o significado da Deusa e de um mundo matricêntrico alternativo nos diz algo sobre onde estamos e de onde viemos, mas de um modo que reduplica os antigos padrões que há muito têm sustentado e reproduzido o patriarcado. Ainda estamos longe do tipo de história transformada que quebre o ciclo do maternalismo e submissão femininos, da insegurança e dominação retaliadora masculinas, e estabeleça verdadeira parceria.

Boa parte do ecofeminismo oriental essencialista ou matricentrista (distinto do ecofeminismo social) não estabelece conexão entre a dominação das mulheres e o classismo, o racismo e a pobreza. A relação com a natureza é encarada em termos psicoculturais: rituais de auto-abençoamento, o experimentar da sacralidade da lua cheia, as estações do ano. Não desvalorizo tal reconexão cerimonial com nossos corpos e a natureza. Na verdade incluí tais rituais em meus escritos litúrgicos. Eles têm um lugar na cura dos padrões de alienação em nossa consciência.

Mas creio que eles se tornam um comodismo recreacional para uma privilegiada elite contracultural quando nossas expressões culturais de cura de nossos corpos e nossas imaginações de americanos brancos não estão concretamente ligadas com as realidades do consumismo exagerado e do desperdício pelos quais 20% do mundo usufrui de 82% da riqueza enquanto os outros 80% sobrevivem com 18%, e os 20% mais pobres da população mundial – desproporcionalmente mulheres e jovens – morrem de fome e envenenados pela água, solo e ar.

O ecofeminismo que não tenda a um escapismo cultural para uma elite feminina ocidental deve buscar um envolvimento concreto com as

mulheres do sistema socioeconômico mais baixo. Deve reconhecer a devastação da terra como parte integral da apropriação de bens da terra por uma minoria rica que pode comer morangos no inverno, transportados para seus resplandecentes supermercados por um sistema mundial de compra de alimentos, enquanto aqueles que colhem e empacotam os morangos não têm dinheiro para o pão e morrem envenenados pelos pesticidas.

Eu busco um importante corretivo para a miopia do opulento contexto branco através do diálogo com ecofeministas da Ásia, África e América Latina, bem como de povos etno-raciais em suas lutas contra o racismo ambiental nos Estados Unidos e outros países industrializados. Vejo que o ecofeminismo soa muito diferente quando parte das mulheres destes contextos raciais, culturais e de classe. As ecofeministas ocidentais se beneficiariam de leituras que tratam da visão que essas mulheres têm da conexão mulher-natureza.

Embora também existam muitas diferenças entre mulheres desses contextos não-brancos e não-ricos, o que me parece fundamental é que as mulheres da América Latina, da Ásia e da África nunca se esquecem de que na base da dominação das mulheres e da natureza está o empobrecimento; o empobrecimento da maioria do povo local, particularmente mulheres e crianças, e o empobrecimento da terra. Esta ligação entre as mulheres e a natureza no empobrecimento está presente nas realidades concretas do dia-a-dia. O desmatamento significa mulheres andando duas ou três vezes mais, todos os dias, para buscar lenha; significa seca, o que obriga as mulheres a andar duas ou três vezes mais longe todos os dias para buscar e levar água para suas modestas casas.

Quando essas mulheres falam de como curar seus povos e sua terra deste empobrecimento e envenenamento, falam da retomada do controle de seus recursos das mãos do Banco Mundial e das nações ricas. Elas também antevêm meios de reclamar alguns padrões tradicionais de cuidado com a terra e formas indígenas de espiritualidade, mas de uma maneira flexível e pragmática. Por

7. Ver, por exemplo, a coluna de MARGLIS, Jon, “Gynopremacism engenders a political revolt”, Chicago Tribune, página editorial, 30 de janeiro de 1995, e resposta por RUETHER, Rosemary R..

exemplo, as mulheres do Zimbabwe e Malawi apontam para cultos territoriais locais em suas tradições, nos quais as mulheres eram médiuns e guardiãs da terra. As mulheres conduziam cerimônias de chamado da chuva e de agradecimento pelas colheitas; impediam que as florestas fossem derrubadas e guardavam reservatórios sagrados.<sup>8</sup>

Mas essas tradições não são romantizadas. Essas mulheres africanas também foram limitadas pelos tabus da poluição que lhes proibiam acesso a florestas e as impediam de plantar suas próprias árvores. Elas querem mesclar, pragmaticamente, alguns dos antigos costumes de cuidado da água, das árvores e dos animais, com alguns entendimentos modernos de conservação e de direito legal das mulheres de possuir sua própria terra e ter igual acesso a crédito agrícola que aprenderam com o liberalismo ocidental. Quando são cristãs, não se importam de citar algumas boas histórias da Bíblia, lado a lado com algumas boas histórias de suas tradições indígenas. Em resumo, são ecumenistas práticas que sabem entrelaçar culturas, falar shona e também inglês, usar o que quer que venha destas várias culturas para melhorar a vida de todos, principalmente das mulheres das camadas mais baixas da sociedade.

Creio que as feministas ocidentais de contexto cristão precisam ser semelhantemente ecumênicas e perspicazes em relação ao sistema econômico em que vivemos. Não creio que exista uma cultura ecológica e feminista pronta que possa ser ressuscitada de culturas pré-históricas, embora possamos vislumbrar alternativas no passado antigo que ajudem a dar à luz novos futuros. Também precisamos minerar nossas heranças gregas, hebraicas e cristãs, bem como nossas tradições emancipatórias modernas, em busca de *insights* utilizáveis.

Nós é que devemos ser as artesãs desta nova cultura. Ela não chegará até nós pronta, seja pelo

Cristianismo ou pela ciência, pelos povos asiáticos ou pelos indígenas. Estamos nos deparando com uma nova situação que nunca enfrentamos antes; a saber, aquele poder da espécie humana, posto em prática por uma classe dominante, cresceu tanto que pode destruir a base planetária para todos os outros seres humanos, bem como a biosfera não-humana. As culturas do passado, quer buscassem harmonizar os seres humanos uns com os outros e com a natureza em nome de deidades imanentes, ou dominar a natureza em nome de um Deus transcendente, não imaginavam que podíamos conquistar esse poder.

As culturas religiosas não apenas dominaram os padrões sociais de suas sociedades. Elas também buscaram, de várias maneiras, a harmonia e a justiça, vencendo a alienação, reconciliando humanos com humanos, humanos com animais, humanos com a suprema Fonte da vida. São estas muitas buscas por harmonia, reconciliação e justiça que podemos destacar da opressora herança da dominação sacralizada nas culturas do passado. Muitas culturas podem nos fornecer pistas para uma cultura curativa. As grandes espiritualidades asiáticas do taoísmo e budismo, hinduísmo e confucionismo podem ser exploradas, particularmente na sua visão do abandono do individualismo arrogante. Elas liberam uma efusiva compaixão por todos os seres sensíveis, a harmonização das forças dialéticas em ação na sociedade e no cosmos.

As muitas culturas de povos indígenas das Américas, Ásia, África e Ilhas do Pacífico, há muito desprezadas como "pagãs", começaram a ganhar mais respeito ao reconhecermos como cada um desses povos criou sua própria cultura biorregional que sustentava o grupo humano local como parte de uma comunidade de animais e plantas, terra e céu, ancestrais do passado e descendentes futuros.

Os cristãos ocidentais precisam se libertar tanto do chauvinismo quanto do escapismo, para serem capazes de jogar com os criteriosos aspectos de nossas heranças judaicas, gregas e cristãs,

8. Veja NYAJEKA, Rumani Mutasa. "Shona women and the Mutupo Principle". In RUETHER, Rosemary R. (ed.) *Women Healing Earth: Third Women on Ecology, Feminism and Religion*. New York: Orbis Books, 1990, pp. 135-142.

ao mesmo tempo avaliando criticamente seus problemas, abandonando tanto a necessidade de inflá-lo como o único caminho verdadeiro, como de repudiá-lo como um total lixo tóxico.

Em meu livro *Gaia and God* (Gaia e Deus), sugiro dois padrões de pensamento bíblico que são importantes recursos para a teologia ecológica e a ética: a ética da aliança e a cosmologia sacramental.<sup>9</sup> A ética da aliança nos dá uma visão de uma comunidade integrada de seres humanos, animais e terra que busca viver por uma espiritualidade e código de contínuo descanso, renovação e restauração de relações justas e sustentáveis entre humanos e outros humanos, humanos e a terra, numa única aliança sob os cuidados de Deus.

Precisamos rejeitar os aspectos patriarcais desta tradição da aliança, enquanto reclamamos a visão da comunidade sustentada por processos que continuamente endireitavam os relacionamentos distorcidos pela dominação e exploração injustas: a fertilidade da terra renovada pela falta de cultivo, o descanso dos trabalhadores humanos e animais, o perdão das dívidas, a libertação dos escravos e a restauração da terra aos que a tinham perdido.

A ética da aliança pode ser complementada pelas heranças de cosmologia sacramental judaicas e cristãs. Aqui temos um sentido do todo cósmico vivo, como a incorporação do Espírito Santo, a Palavra e Sabedoria de Deus que é sua fonte e renovação de vida. Em Deus vivemos e nos movemos e temos o nosso ser, não como um ego masculino imparcial além do universo, mas como o Ser Sagrado que está em, através e sob todo o processo de vida.

A ética da aliança e a cosmologia sacramental são recursos profundos de nossa herança bíblica e cristã, mas nós, cristãos, precisamos abandonar a ilusão de que existe um caminho certo para a nova cultura ecológica mundial e que nós podemos e devemos fazer tudo. Precisamos nos ver como

parte de um diálogo convergente, como as ecofeministas em muitas regiões fazem suas distintas sínteses culturais; como as ecofeministas do Zimbabwe interconectam a mediunidade espiritual e a afinidade com os animais com temas de autogoverno justo, levados até elas pelos ingleses; como as ecofeministas indianas – como Vandana Shiva – conectam o entendimento pré-hindu do *Shakti*, o princípio de vida cósmico feminino, com a crítica da ciência e desenvolvimento ocidentais,<sup>10</sup> e como as ecofeministas coreanas – como Chung Hyun Khung – integram o *Bottisatva* da mulher budista e a dança shamânica com as visões de emancipação cristãs.<sup>11</sup>

Mas as ricas feministas cristãs ocidentais não devem apenas moldar a síntese cultural a partir do melhor de nossas tradições, em diálogo outras tradições; precisamos saber quem somos. Nós somos aqueles que lucram com o mais ávido sistema de apropriação colonial e neocolonial da terra e do trabalho. Precisamos questionar este sistema, começando pelos excessivos benefícios dos quais nós mesmas usufruímos; e devemos nos perguntar, também, como podemos usar esses benefícios em solidariedade às mulheres pobres.

Precisamos manter em mente, firmemente, a realidade destas mulheres, que carregam nos braços a criança que morre de desidratação por causa da água poluída; que caminham longas horas para atender as necessidades básicas; e que continuam a lutar para defender a vida com uma tenacidade que se recusa a ser derrotada e celebra com uma plenitude de espírito que desmente a aparente desesperança de sua situação. Somente quando aprendermos a ligar nossas histórias e lutas, de um modo concreto e autêntico, com as das mulheres do lado inferior do atual sistema de poder e lucro, poderemos começar a ter uma idéia do que significa a teologia e a ética ecofeministas.

9. Veja RUETHER, Rosemary R., *Gaia and God: an Ecofeminist Theology of Earth Healing*. San Francisco, CA: Harper San Francisco, 1992.

10. Veja SHIVA, Vandana, *Staying Alive: Women, Ecology and Development*. London: Zed Press, 1989.

11. Veja KYUNG, Chung Hyun, *Struggle to be the Sun again*. Maryknoll: Orbis, 1994.